

## A Canção de Rolando e Fierabrás: o Ciclo Do Rei Carolíngio em Terras Brasileiras

*Elisângela Coelho Morais*<sup>1</sup>

**Resumo:** As gestas do chamado Ciclo do Rei, que traziam como temática a vida e as conquistas do imperador franco Carlos Magno e seus descendentes ( produzidas na França durante o século XII, onde alcançaram um notável destaque, e suas personagens ganharam posição de padrão modelar do nobre perfeito, como defensores do rei e da Cristandade, ligados às benesses celestes). Entre elas, tem-se a *Canção de Rolando*, obra considerada fundadora da literatura laica francesa, e *Fierabrás*, que mostra o processo de conversão de um sarraceno ao cristianismo. Ambas trazem em si o ambiente cruzado onde a expansão territorial e religiosa eram a temática do período, além da valorização dos laços feudais e religiosos. Nomes como Roland e Carlos Magno reverberaram por parte da Europa, chegando até mesmo a Península Ibérica, onde as edições traduzidas do castelhano e do português atravessaram o Atlântico, e as trouxeram ao território brasileiro, do qual elas se ressignificaram como Literatura de cordel, resgatando as narrativas do Ciclo do rei, onde o exército franco adquire características sertanejas de coragem, lealdade e de defesa da fé.

**Palavras Chave:** Cavalaria; Modelo; Nordeste; Literatura; Monarquia

**Résumé:** Les gestes du soi-disant Cycle du Roi, qui avaient pour thème la vie et les conquêtes de l'empereur Frank Charlemagne et de ses descendants (produits en France au XIIe siècle, où ils ont acquis une importance remarquable, et leurs personnages ont gagné une position de modèle de norme des nobles parfaits, défenseurs du roi et de la Chrétienté, liés aux bénédictions célestes) Parmi eux, il y a La Chanson de Roland, une œuvre considérée comme le fondateur de la littérature profane française, et Fierabrás, qui montre le processus de conversion d'un Sarrasin au christianisme, tous deux apportent en eux l'environnement cruzado où l'expansion territoriale et religieuse était le thème période, en plus de renforcer les liens féodaux et religieux. Des noms comme Roland et Charlemagne ont résonné d'Europe, atteignant même la péninsule ibérique, où les éditions traduites du castillan et du portugais ont traversé l'Atlantique et les ont amenés sur le territoire brésilien, d'où ils se sont résignés sous le nom de Cordel Literature, sauvant les récits du cycle du roi, où l'armée franque acquiert les caractéristiques du pays de courage, de loyauté et de défense de la foi.

**Mots clés:** Cavalerie; Modèle; Nord-Est; Littérature; Monarchie

### Le chant de Rolando et Fierabrás: le cycle du roi Carolíngio dans les terres brésiliennes

---

<sup>1</sup> Doutoranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História e Conexões Atlânticas: culturas e poderes (PPGHIS-UFMA/CAPES) sob a orientação da Prof<sup>a</sup>.Dra.Adriana Zierer (PPGHIST-UEMA) Membro do HILL-UFMA (História, Cultura Letrada e Outras Linguagens)e do Brathair (Grupo de Estudos Celtas e Germânicos) e-mail: [elishst@hotmail.com](mailto:elishst@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

As Canções de Gesta francesas trazem o modelo heroico como temática central, e serão as primeiras obras laicas popularizadas em língua vulgar; sua inspiração vem das batalhas, dos ritos pagãos e lendas célticas, além do ideal guerreiro (FERNANDES, 2000, p.53).

Elas são segundo Erich Auerbach: *são obras dos fins dos séculos XI e XII, imbuídas do espírito de cavalaria dos tempos das primeiras cruzadas :espírito guerreiro, feudal, fanaticamente cristão, mistura paradoxal de Cristianismo e imperialismo agressivo; espírito nascido no fim do século XI e que não existia antes* (AUERBACH, 1972, p. 115).

Eram divididas em ciclos definidos de acordo com a temática, personagens, ou tempo cronológico em que visavam contemplar, dentro de sua estrutura narrativa eram definidas do seguinte modo:

O primeiro é o chamado Ciclo Carolíngio que trata da corte de Carlos Magno trazem o delineamento do modelo de cavaleiro cristão. Suas obras apresentam influências pagãs e cristãs; foram elaboradas por clérigos e leigos com conhecimento clerical que ainda possuíam em suas práticas resquícios das antigas religiões pré-cristãs. Sua principal obra é a *Chanson de Roland*. Esse ciclo traz, segundo Pierre Bayard, na obra *História das Lendas*<sup>2</sup> (BAYARD, 1957), a seguinte compartimentação em três subdivisões ligadas ao imperador franco:

1- O chamado ciclo do rei, que trata da vida de Carlos Magno desde seu nascimento, suas batalhas expansionistas na Península Itálica, na Península Ibérica, na Palestina, na Saxônia, além da campanha na Bretanha, com o fim de libertar as sete igrejas.

2- Ciclo Garin de Monglane ou ciclo de Guilherme de Toulouse, onde o foco é dado a Guilherme de Toulouse, sobrinho de Carlos Magno, que posteriormente seria canonizado-Saint Guilhem du Desert. Na primeira parte o herói título acompanha, Luís filho de Carlos Magno, protegendo-o de diversas ameaças. Este ciclo é formado por 24 gestas.

3- Doon de Mayence ou ciclo dos Vassalos Rebeldes, trata da revolta de vassalos de Carlos Magno, contra ele. Onde neste conjunto de obras, diz o autor: “O orgulho, a loucura, e o exagero formam o fundo dessas canções onde rancores imperdoáveis nasceram” (BAYARD, 1957, p. 77) Narra a vida de vários cavaleiros onde o ponto em comum é a revolta contra os laços senhoriais. Como parâmetro de análise utilizaremos duas gestas, parte do Ciclo do Rei: A Canção de Rolando e Fierabrás.

---

<sup>2</sup> Obra escrita em 1955, pelo doutor em letras Jean Pierre Bayard, que trata da evolução de lendas mundialmente conhecidas, seus embasamentos históricos e sociais.

A *Chanson de Roland* (BÉDIER,1923), obra medieval francesa, escrita entre os séculos XI e XII trata da Batalha de *Roncevaux*, embate entre o exército franco e o exército sarraceno pelo território de Saragoça e pela supremacia religiosa da região.

Os francos liderados por Carlos Magno trazem em suas fileiras o conde Rolando, exemplo de cavaleiro cristão fiel a Deus e ao rei, orgulhoso por sua posição e por seus companheiros.

O enredo se desenrola no campo de batalha e mostra as estratégias e tramas que ambos os exércitos traçam em busca da vitória, além de revelar motivações individuais e coletivas.

A corte carolíngia reconhecida por sua força militar é aqui retratada com atributos advindos da vontade divina, e a coragem de seus membros no campo de batalha são sobrenaturais. Estas características são mais evidenciadas pelo peso que o espírito bélico tinha nas gestas, aliadas ao caráter religioso do homem medieval.

A *Chanson* trata quase exclusivamente da guerra e da rotina no campo de batalha, que implica principalmente na defesa de um território. Tudo nela é grandioso e concentra a ação sobre vários olhares e quando narra, o autor mostra simultaneamente o lado carolíngio e o lado de seus opositores. Os inimigos são caracterizados como pessoas que ferem de alguma forma aos padrões comportamentais definidos como aqueles constituídos pelo modelo da cavalaria.

Todos os 4004 versos constituintes dessa canção de gesta mostram o imaginário construído acerca da instituição cavalaria, que no período de escritura da *Chanson*, vinha sofrendo mudanças advindas das transformações econômicas e políticas ocorridas na Gália Carolíngia.

A nobreza se modificava, indo para as cidades e lá criando meios de se diferenciar das outras camadas sociais. Acabou por encontrar na cavalaria uma forma de tal diferenciação, criando normas e símbolos auto identificadores.

Surge a partir desse ponto, uma configuração imaginária do cavaleiro, personificação de um comportamento de protetor dos fracos que até hoje povoa a imaginação e fundamenta a visão de educação, cortesia e gentileza idealizadas sobre a cavalaria medieval.

Fundamentada por essas reminiscências aliadas a uma herança guerreira, a narrativa foi moldada para adquirir um significado de reflexo da classe nobre, que tenta expor uma imagem de estabilidade fornecedora de paz e segurança. Sobre esse viés toda uma teia discursiva será formada, e isso se reflete na estrutura da obra, que apresenta em seu cerne a clara posição de seu narrador.

Dentro da narrativa, vê-se a exemplificação do modelo cavaleiresco na figura central do personagem central Rolando, em que é marcante o enaltecimento de sua força e fé, sua presença aparece em diversas narrativas, que apresentam várias versões desse protagonista, com diferentes caminhos de desenvolvimento e conclusão, mas que em sua essência buscam passar uma mensagem de defesa da cavalaria e de seus princípios.

Essas versões tentam através de um modelo construído de fé e fidelidade, representar elementos morais e sociais de uma classe, e por meio do desenvolvimento da narrativa expressar um ponto de vista que agradasse aos leitores e os inspirasse a seguir as normas que, segundo a nobreza, eram os ideais de perfeição.

Rolando ao enfrentar batalhas e um exército numericamente superior representa o cavaleiro ideal descrito pelas gestas, aquele que cai no campo de batalha e que defende sua fé e seu rei até o fim. É um personagem trágico que não chega ao término do romance, mas sua morte é que irá definir o desfecho da obra.

Durante toda a ação narrativa demonstra-se a força dos laços entre cavaleiros e a importância da amizade; procura-se também representar o ambiente das Cruzadas ainda que estas, no contexto da obra, ainda não houvessem ocorrido.

Elementos como honra, coragem e lealdade são discutidos no texto e apresentados na figura de homens singulares e que por isso são exemplos a serem seguidos e imitados.

Esses personagens tão marcantes também serão o tema de outra gesta de destaque: *Fierabrás*, texto escrito por volta de 1170, que relata a batalha entre o pai e futuro cunhado de Rolando, Olivier e o gigante rei de Alexandria *Fierabrás* (KROEBER & SERVOIS, Preface.ij).

A ação se passa três anos antes do fatídico episódio em *Roncevaux*, onde Rolando e seus pares caem em batalha. De autoria também anônima, a narrativa traz o foco da ação para o campo de vivência dos *payens*, no caso os sarracenos, que são liderados pelo Almirante Balan, pai de Fierabrás e da bela Floripas.

Nela, percebemos como eram representados os pagãos e como essa visão coaduna com as retratações desses povos na Canção de Rolando. *Fierabrás* é dividida em duas partes a primeira é marcada pela luta entre Olivier e Fierabrás, um gigante de mais de quatro metros desafia os francos e tem um embate com Olivier, após saquear Roma.

A segunda parte tem início quando Olivier é preso e é resgatado por Roland, e outros pares de França sob as ordens de Carlos Magno, e nessa parte temos uma visão mais ampla do acampamento sarraceno, inclusive do castelo de Aigremore, local onde os cativos e a princesa

Floripas, traçam sua resistência, liderados por Roland, contra o cerco sarraceno até a chegada de Carlos Magno e seu exército.

Aqui elementos como coragem, honra e fé estão presentes, e a afirmação do cristianismo como fé verdadeira e seus crentes como os escolhidos e livres de todo o mal, demonstrando que aqueles que escolhem o caminho errado, terão como fim a morte e aqueles que se arrependem e se convertem, no caso Fierabrás e Floripas, alcançam as graças do senhor da Terra e do Senhor do Céu.

Um elemento que é importante salientar é a presença mais marcante dos doze pares, apoiam a causa, e que juntamente com Carlos Magno, defendem a fé cristã e punem os pagãos sem piedade.

## **TRANSMISSÃO DE MODELOS DE CAVALEIRO PERFEITO NO I SÉCULO XII.**

Grande parte da população do medievo era formada por iletrados, como então os grupos dominantes poderiam passar a mensagem de como se deveria ou não agir, como mostrar as consequências do vício e as maravilhas do paraíso?

A quem fosse incumbida essa missão - clérigos e jograis-usavam de estratégias para a transmissão de suas mensagens, seja através de palavras, ou de imagens.

No caso da palavra, para chegar ao público a que se destinava, o portador dela deveria expô-la ao maior número possível de pessoas e isso a memória era fundamental, como nos diz Le Goff:

[...] Muitos dos homens da Idade Média são analfabetos, como é o caso da grande maioria dos leigos até ao século XIII. Nesse mundo de iletrados, a palavra tem uma força especial. Das pregações o homem medieval extrai noções, anedotas, instrução moral e religiosa. E certo que o texto escrito tem um grande prestígio baseado no prestígio das «Sagradas Escrituras» e dos clérigos, homens de escrita, a começar pelos monges, como o *scriptorium* — o lugar da escrita, o aposento essencial de todos os mosteiros — comprova. No entanto, o grande veículo de comunicação é a palavra. Isso pressupõe que a palavra seja bem conservada. O homem medieval é um homem de memória, de boa memória (LE GOFF, 2003, p.274)

Através das palavras e de gestos, a mensagem era transmitida nas pregações e alcançava seu público alvo de forma mais contundente, e outro instrumento era utilizado, o corpo.

Elemento que podia ter conotações diversas, elogiosas, onde o corpo ganha uma imagem social-onde cada uma das três ordens é definida por partes específicas do corpo.

O melhor desenvolvimento dessa metáfora foi de João de Salisbury, por volta de 1159, no seu famoso *Policraticus*: a comunidade política (*res publica*) é um corpo do qual o rei é a cabeça, o Senado o coração, os juízes e governadores de províncias os olhos, ouvidos e língua, os guerreiros as mãos, os arrecadadores de impostos e fiscais o ventre e o intestino, os camponeses os pés. Na realidade medieval, o Estado típico era, portanto, um reino (FRANCO JR, 2001, p.67).

Uma outra tem significação religiosa-onde Cristo é a cabeça- além de posteriormente a nova configuração da imagem política- que gera a disputa entre a Igreja e o Estado, para ver quem era mais essencial na fisiologia política (LE GOFF, 2006, p.169).

Dentro dessa perspectiva, muitos daqueles que “pertenciam ao mundo”, no fim de suas vidas entregavam seu corpo a causa celeste, abrindo mão dos vícios terrenos e abraçando o hábito monástico como uma forma de reparação física e espiritual.

[...] Quantos se entregaram pelos ritos não da vassalagem, mas da servidão, submeteram-se, tornaram-se propriedade de um santo, seus homens ou suas mulheres “de corpo”, tais como esses “servos de santuário” dos quais muitos saíam da mais alta nobreza, tão numerosos na Alemanha, na Lorena, doravante protegidos neste mundo e no outro. (DUBY, 1990, p.40)

Outras visões trazem na imagem do corpo como portas para o pecado, através dele despontam os pecados capitais, que levam o homem a queda, e onde no inferno segundo alguns textos da época, esses pecadores tem que pagar suas penas.

E mesmo após a morte, esses pecadores sentem os martírios, afligidos por uma espécie do que Le Goff chama de “receptáculos incertos” (LE GOFF, 2003, p. 264), pois apesar da ausência de um corpo físico, os mortos apresentam sensações corporais.

Dentro da complexa sociedade feudal percebe-se a construção de modelos que regerão as formas de comportamento dessa população, e são elas que vemos adiante.

## **ANJOS E DEMÔNIOS E SUAS REPRESENTAÇÕES NA CANÇÃO DE ROLANDO E EM FIERABRÁS**

Sob a perspectiva, de danação e salvação, vemos como característica modelar no medievo, as manifestações do bem, e do mal, geralmente personificados nas imagens do anjo e do demônio, respectivamente.

O anjo, portador de mensagens que expressam a vontade de Deus, são modelos de bondade, obediência à hierarquia engendrada por Deus, estes seres aparecem, no Antigo e no Novo Testamento, sempre mostrando exemplos, seja de emissários divinos, trazendo a palavra de Deus como o arcanjo Gabriel, aparecendo em sonhos proféticos, não somente na Bíblia, mas também na *Canção de Rolando* onde este aparece diversas vezes, e representa as benesses de Deus para com o imperador Carlos Magno, isso é bem evidente no trecho:

[...] Carlos adormece como um homem roído pela angústia. Deus lhe envia São Gabriel com a ordem de velar por ele. O anjo permanece toda a noite à sua cabeceira. Numa visão revelou lhe uma batalha que ainda vai ser travada[...]. (vers.2525-2531) (VASSALO, 1988, p.109)

Assim como em *Fierabrás* onde um anjo aparece a Carlos Magno, para revelar que Olivier seria o vencedor da disputa contra o inimigo. (vers. 1204-1208) (KROEBER & SERVOIS, 1860, p.38), nos dois textos, o imperador é auxiliado pelos seres celestes, que aparecem trazendo uma mensagem de Deus.

Os anjos surgem como exemplos de punidores àqueles que agem com rebeldia, temos esse papel quando analisamos o surgimento de Lúcifer o rebelde, mostrado com sua sede de poder, foi base para ser construída a imagem do demônio, oposto a Deus, portador dos pecados, de forma mais contundente a partir do século IX, onde sua forma e personalidade é determinada, sendo usada como mecanismo de atemorizar o povo.

Diz-se que ele é responsável por todos os males e todos os infortúnios: ele provoca tempestades e borrascas, apodrece os frutos da terra, causa doenças dos homens e do gado. Ele faz afundar navios, desabar os edifícios e bloqueia as melhores intenções (BASCHET, 2006, p.382)

Esse aumento da capacidade de ação do demônio é uma forma de também valorizar o poder de Deus, pois para lidar com um inimigo intenso e vencê-lo, deve-se ser mais poderoso ainda. A manifestação demoníaca leva o corpo do homem suscetível ao pecado, maximizando suas fraquezas, fazendo-o cair em tentação, e voltar a perder-se mesmo depois da remissão trazida pelo Cristo.

[...] A intervenção de Deus na história, através da vinda de Cristo, libertou a humanidade dos enganos do demônio, reequacionando a sua posição nos planos divinos e no conjunto da natureza criada por Ele criada. Por isso, só por acção do diabo podem os homens voltar a cair nos antigos erros (MACEDO, 2011, p.94)

O caminho de salvação para o homem na Idade Média seria traçado através de renúncias aos vícios, à domesticação de seus instintos na sociedade, além de obediência a seu senhor terreno, que representava o senhor celeste.

Esta figura de destaque social no medievo vem carregado de significados e símbolos, que ainda hoje povoam o imaginário quando se fala da Idade Média, essa persona é o rei.

## **O REI, PILAR DA FORÇA E DA FÉ**

Na construção da figura do rei, observa-se em sua estrutura um poder temporal comprovado pelo poder religioso, estes governantes representam o poder de Deus sobre a terra e para tal função deveriam ser exemplos de um meio termo entre leigos e clérigos, trariam com sua presença a mensagem de que Deus os guardava, lhes protegeria e daria abundância e felicidade.

[...]os reis sabiam muito bem que não eram de todo sacerdotes; mas eles também não se consideravam leigos; em torno deles, muitos de seus súditos partilhavam desse sentimento (BLOCH, 1999, p.129)

Ele deve ter como atributo a capacidade de vencer batalhas, proteger seus súditos, prover sua subsistência, e até mesmos ter a autoridade para punir, como a figura paterna que tem que demonstrar firmeza, sem perder a empatia do povo.

Para que o poder político material seja estabelecido, é necessária a construção de um poder simbólico que o embase. Na Idade Média, vários elementos serão usados para isso: territórios com a mesma língua, religião, fronteiras definidas e um exército forte, além de ideias que funcionem não só no ponto de vista jurídico como também no campo figurado, algo que transcenda a racionalidade, fazendo-o ser sentido, compreendido, assimilado.

Os governantes da Idade Média se muniram de todo um arcabouço alegórico para a construção de seu poder como por exemplo, a ideia de proteção a aqueles que fossem leais a ele. Essa proteção não só é representada por barreiras físicas como cercas e muros de suas terras, como também na inculcação de um ideal de justiça balizado pelas bênçãos de Deus e praticado pelo senhor feudal.

[...]Um poder político, com efeito, não é somente composto de homens que instauram e manobram certas ideias e exercem certas ações. Ele visa se fazer reconhecer, identificar e, se possível, favoravelmente apreciar, graças a todo um sistema de signos e de emblemas dos quais os principais são aqueles que são vistos (RIBEIRO, 1995, p.14)

Na *Canção de Rolando* esse poder é bem demonstrado na figura de Carlos Magno, que apesar de demonstrar fervor religioso, propõe um contato com Deus além do que os clérigos poderiam dar ao povo, pois mais importante do que o clérigo é o rei, Carlos Magno é a ponte entre o francos e Deus. Ele é o eleito.

Em *Fierabrás*, a figura do rei apresenta as mesmas características messiânicas e parece mais consciente da traição que virá a seguir, é enérgico e apresenta momentos de dúvidas, mas ao fim as supera e mostra toda a sua magnitude na luta final contra o Almirante Balan.

Em ambas narrativas é admirado por seus inimigos (Ver.441) (KROEBER & SERVOIS, op.cit., p.14) e amado pelos seus servos, ao final das duas narrativas, julga e pune os antagonistas.

Outra figura régia que nos serve de exemplo devido sua constante presença em diversas obras de fundo literário, é o rei Arthur, que é expresso como um rei com fama de invencível e governante de uma corte valorosa (ZIERER, 2013, p.290)

A imagem acerca do monarca é tão vasta e rica, que servirá de molde para muitos cronistas lusitanos e de ação para o ilustre jovem Sebastião- rei de Portugal que morreu na batalha contra os mouros em Alcácer Quibir em 1578 aos 24 anos- que tem contato com a obra que serviu de inspiração para inúmeras novelas de cavalaria portuguesas, que floresceram anos depois que essa modalidade literária tinha declinado em outras regiões da Europa.

Elementos como a vinda do salvador, que combateria os infiéis são temas recorrentes, tanto na obra *A Demanda do Graal*, como na *Canção de Rolando*, nesses textos os heróis são tementes a Deus, obedientes e castos, o que inspirará o modo de proceder desse nobre entre outros.

[...] Devemos salientar de início, que as novelas de cavalaria não são significativas apenas por trazerem à tona, e com tratamento literário, conteúdos messiânicos antigos, mas também por que apresentavam modelos de comportamento e de atitudes típicos da cavalaria medieval, que tiveram grande influência no público português da época das viagens marítimas. (MEGIANI, 2013, p.53)

Percebe-se aí o alcance exemplar de modelos forjados para a manutenção da ordem e alcance da salvação, nessa conjuntura observamos as tentativas do clero e da nobreza, em “civilizar” aquele que tinha junto ao rei uma expressiva participação social, o homem de armas, o cavaleiro.

## **O CAVALEIRO**

Para o homem medieval, a vida seguia a lógica celeste, e restava a todos se resignarem com sua sorte, já que a possibilidade de ascensão social era nula, os mais humildes olhavam para cima e viam a nobreza e o clero, já a nobreza olhava para baixo e via uma massa de pessoas destinadas a servir, sem questionar, sua autoridade previamente determinada pelas mãos divinas.

Dentro dessa realidade social, a classe com maior fonte de riqueza, a terra, era a nobreza, classe econômica que recebia rendas da reserva dominal cultivada por um vasto número de criados, que os sustentavam e lhes dava a liberdade para não explorarem fisicamente seus campos.

E pelo fato de a sociedade europeia viver no clima de constante instabilidade e por ter sempre presente o espírito bélico das Cruzadas, seus membros veem nas práticas de guerra um movimento cotidiano, o que desencadeava uma série de consequências para as outras classes dessa tripartição.

A verdade é que na sociedade medieval cada um era obrigado a viver de acordo com a forma de vida em que nasceu e do meio em que as oportunidades surgiam como um “confinamento social”. Os mais nobres possuíam o controle social, por suas armas e sua ideologia de se acharem superiores aos demais, ao pensar assim, os nobres não tem escrúpulos em desprezar os demais e praticar a moderação e o controle de seus impulsos.

Com a intensa circulação de nobres, foram se formando pequenas cortes, nelas, o rei era visto sob uma aura quase sobrenatural, etérea, distante, e quem fosse próximo a ele, seria valorizado, pois para frequentar a corte real era necessário obter um certo refinamento e numa sociedade eminentemente guerreira, poucos tinham um refinamento e um grau de instrução satisfatório.

Com o advento das cidades, estas se tornaram o centro de tudo o que era novo e elitizado, as pequenas cortes começaram a imitá-la e essa imitação era disseminada pelos trovadores que de passagem pelas cidades e vilas reproduziam seus hábitos aos senhores dos distantes feudos visitados por eles.

Durante a consolidação das cortes, que ocorrem ações por parte da Igreja que buscava refrear os ímpetus violentos dos cavaleiros como por exemplo, a “paz de Deus” que determinava dias e horários em que os cavaleiros deveriam agir.

[...] Foram, precisamente, os chefes de certas dioceses, em breve apoiados por aristocratas e por *milites* que tinham conseguido converter ao seu projecto e por leigos de condição subalterna preocupados com o carácter endêmico de um estado de violência que impedia que se iniciasse ou retomasse o comércio e a vida econômica que deram início ao movimento da *pax* e da *tregua Dei*: santuários, hospícios, baixios e estradas foram colocados sob uma tutela especial (a *pax*) e quem quer que cometesse qualquer acto de violência nesses locais era passível de excomunhão; a mesma disposição foi aprovada para salvaguarda de todas as categorias de pessoas que, devido a sua fragilidade, eram consideradas *pauperes* (uma palavra que não tinha um sentido exclusivamente econômico). Conseguiu-se, por fim, estabelecer que os actos de guerra, já proibidos pela *pax* em determinados locais e em relação a certas categorias de pessoas, fossem igualmente proibidos em determinados dias da semana. Se matar alguém continuava a ser um pecado mortal, a *trégua Dei* fazia com que o assassinio cometido entre a tarde de quinta-feira e a de domingo, implicasse excomunhão. (LE GOFF, 1989, p. 59)

Essa tentativa de “retenção” por parte dos eclesiásticos gerou outros resultados, como a organização de torneios, que davam a liberdade para os cavaleiros agirem independentemente de horários e com normas próprias.

A Igreja tentava manter o controle da população o que era difícil devido a vários fatores como as longas distâncias, e o despreparo de alguns clérigos além da resistência cultural da sociedade, que possuía traços profundos de reminiscências pré-cristãs tão fortes que apesar de seguirem as diretrizes religiosas, ainda maninham hábitos e costumes herdados de seus antepassados.

Seguindo o exemplo das cidades, os feudos começaram a valorizar a instrução e o refinamento em detrimento à grosseria e a força bruta no final do século XIII, quando a condessa de *Champagne* disseminou com sua influência a chamada sede da cortesia que se espalhou por toda a França.

As regras de comportamento passaram a ser ensinadas, e, consistiam em dar aos jovens alunos noções de literatura, etiqueta, música e retórica, entre outros elementos que os fizessem crescer culturalmente e a partir desses jovens, uma nova visão de cavalaria refinada, bem vestida que tinha o prazer em viver na corte, nas festas e torneios, onde o que se disputava não era somente o troféu de melhor cavaleiro, mas também as boas graças da dama que receberia as homenagens desse cavaleiro, a cortesia vem complementar e refinar a realidade da nobreza sempre voltada para a batalha (DUBY, 1994, p. 305).

[...] O padrão de ‘bom comportamento’ na Idade Média, como todos os padrões depois estabelecidos, é representado por um conceito bem claro. Através dele, a classe alta secular da Idade Média, ou pelo menos alguns de seus principais grupos, deu expressão à sua alto-imagem, ao que em sua própria estimativa, tornava-a excepcional (ELIAS, 1993, p.76).

Inicialmente, a classe dos cavaleiros era aberta a qualquer senhor que possuísse renda suficiente para se armar e ter um cavalo, com o passar dos tempos a classe passou a ser hereditária, uma consequência da concentração de riqueza nas mãos de poucas famílias, e onde o sangue vale mais do que a fortuna. Então só os filhos de cavaleiros poderiam ao sair da adolescência, receber preparação para entrarem nas fileiras da cavalaria.

Ela era um reflexo da militarização em que a sociedade medieval passou, os primeiros membros vieram das falanges internas da aristocracia e se desenvolveu graças à falta de um forte poder central, para impor à sociedade vigente normas e regras para a manutenção da ordem, além da cobrança de taxas e tributos. (FLORI, 2005, p.58)

O ideal de cavalaria estava instalado na mentalidade medieval e ultrapassou o campo das ideias, e passou para a prática social como um estilo de vida, todo o seu sistema de ideias estava vinculado ao campo da simulação onde a cavalaria governava o mundo. (HUIZINGA, 1978, p.103)

Esse refinamento, resultado da formação das cortes e menos batalhas, criará momentos ociosos entre os jovens nobres e para preenchê-los, serão moldadas novas práticas sociais, que os diferenciaram dos camponeses e dos clérigos, esse novo nobre continuará voltado para as armas, mas também saberá se sobressair sem elas.

No século XII, a cavalaria era vista como uma ordem de proteção do rei e das leis sociais, predominantemente existia no campo. No século seguinte, a cavalaria se transfigurou em sinônimo de bem viver, refinamento e elegância na corte.

A ideia de civilidade parte da nobreza, que ao utilizar o conceito de civilizado, o coloca como um meio de fundar uma autoconsciência aristocrática, que fabrica para si uma autoimagem baseada na ideia de um modo de proceder socialmente aceitável, iniciado num estrato elevado da elite cavaleiresca, que buscava se distinguir, tanto para os outros, como para seu próprios olhos uma imagem baseada num código de leis próprio e exclusivo.

Nessa conjuntura de mudanças, percebe-se a força do discurso, mesmo dentro de uma sociedade iletrada, e como tal perspectiva se mostrava vigorosa e eficiente, sob a égide de uma cultura de “distração”. Além do viés político imbuído nesse item de lazer, existe também uma função de objeto de dominação, coerção e manipulação, uma forma de imposição da

ideologia (CHAUI, 2004, p. 36)<sup>3</sup> calcada em interesses próprios e de influência móvel, de acordo com quem exerce o poder, que consistia em mostrar sua identidade através do refinamento social.

A literatura, a moda, a conversação, e as boas maneiras constituíram aqui um meio de educar e regular a vida em sociedade, se não o conseguiram totalmente, pelo menos criaram uma face de aparências de vida honrosa.

Fatores externos ajudaram em tal metamorfose, como os horizontes alargados graças às expedições militares a terras e países distantes, o que apurou seu gosto em geral e mudou suas concepções de civilização e refinamento, transformando a face da nobreza até a visão que temos hoje.

Para o pensamento do medievo, a cavalaria deveria ser um exemplo da vida em sociedade, nessa classe, cada um deveria espelhar as virtudes pois assim refletia os seus pares. E teriam restaurada a honra e o respeito a que mereciam.

A atitude de desprendimento à vida é característica do código de honra da cavalaria, e vem da concepção de honra ligada à coragem, onde a reputação é em parte individual, e parte coletiva, a honra assim como a desonra não é somente particular e sim de toda a linhagem, e era essencial que toda a parentela devesse zelar pela manutenção de seu nome e de sua família.

Nas duas narrativas temos Roland e Olivier, exemplos de cavaleiros perfeitos, são corajosos, modelos de fé e excelentes cavaleiros, amam a Deus e ao rei.

E temos Fierabrás, inicialmente um pagão provocador, que com o passar da narrativa, se converte e muda a personalidade, se tornando corajoso, justo e bom, o exemplo de cavaleiro admirável.

## **ROLANDO E FIERABRÁS: CHEGANDO EM TERRAS BRASILEIRAS**

O ciclo carolíngio teve forte influência na cultura francesa medieval, e essa referência chegou a outros países do continente europeu, entre eles Espanha e Portugal, que por sua ligação com Roma apresentam um forte cristianismo, que será forte motivador para a

---

<sup>3</sup>Segundo Marilena Chauí, A ideologia consiste precisamente na transformação das ideias da classe dominante em ideias dominantes para a sociedade como um todo, de modo que a classe que domina no plano material (econômico, social e político) também domina no plano espiritual (das ideias).

expansão territorial e combate à ameaças internas, que se personificaram como povos não cristãos.

E como na *Chanson de Roland* e em *Fierabrás* há a evidente separação entre os cristãos, aqueles que estão certos, e os pagãos, os que estão errados e pagarão por isso. Sua presença chega à Península Ibérica e encontra ali terreno fecundo para o consumo dessa ideia, que se espalha, quando as expedições expansionistas da coroa portuguesa aportam em terras brasileiras, e trazem consigo exemplares das obras do Ciclo Carolíngio, traduzidas do castelhano para a língua portuguesa, chegando ao sertão nordestino, onde se ressignificam sem perder sua essência principal, Roland, se torna Roldão, Olivier, Oliveiros, e até mesmo o gigante sarraceno Ferrabrás aporta nessas terras, ora como sarraceno, ora como turco.

No início do século XX, mantinha-se viva a afeição pelos personagens épicos e esta pode ser medida por uma experiência do próprio Câmara Cascudo, ocorrida na cidade de Natal, em 14 de dezembro de 1949, quando ele viu o leiloeiro Nival Câmara apregoar dois botes, um pequeno nomeado “Roldão” e outro, um pouco maior, chamado “Oliveiros”. A História do Imperador Carlos Magno podia servir de matriz para os textos da literatura de cordel e forneceu os motivos para os cantadores populares nordestinos, em seus desafios versificados, os quais se aproveitavam de determinados episódios para construir suas narrativas particulares. (ARIAS, 2012, p. 39-40)

Quando surge o cordel, o público consumidor é geralmente rural, de áreas afastadas e semianalfabeto, que repassava sua memória a partir da história oral, aliás traço semelhante à aqueles que ouviam as fabulosas aventuras de Rolando e Carlos Magno, nas feiras sendo declamados pelos jograis no medievo.

As obras e narrativas são ressignificadas perdendo os ares europeus e ganhando características nordestinas.

Fica evidente que mesmo nos casos de adaptação para versos de histórias tradicionais européias, os poetas populares não transpõem mecanicamente os versos, mas aclimatam, regionalizam, nordestinizam. (...)Assim, o leitor popular, ao viver no ato da leitura estas aventuras, recebe-as como se estivessem acontecendo em algum tempo do Nordeste, apesar das referências a locais europeus contidas no texto. (AYALA, 1997, p.162)

Nessa configuração, Carlos Magno, Rolando e Olivier se tornam personagens principais, assim como na *Chanson de Roland*, e são embebidos pelo clima da Reconquista ibérica, simbolizando fé, poder e resistência contra os povos mulçumanos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas sobre a *Chanson de Roland e Fierabrás* chegaram ao Brasil, e tinham como referência as diversas versões do ciclo carolíngio, que ao entrar em contato com as tradições ibéricas ganham novas variações nas tramas e na personalidade de suas personagens, mesmo assim, ainda remetem à uma corte áurea, vinda de um passado distante, referenciado como modelo de valores que com o passar dos séculos não se modificaram.

Entre essas características, está a sua transmissão, nas feiras em forma de declamação pública, para uma população de iletrados, onde seus modelos serão passados entre sua audiência.

Muitos dos homens da Idade Média são analfabetos, como é o caso da grande maioria dos leigos até ao século XIII. Nesse mundo de iletrados, a palavra tem uma força especial. Das pregações o homem medieval extrai noções, anedotas, instrução moral e religiosa. É certo que o texto escrito tem um grande prestígio baseado no prestígio das «Sagradas Escrituras» e dos clérigos, homens de escrita, a começar pelos monges, como *scriptorium* — o lugar da escrita, o aposento essencial de todos os mosteiros — comprova. No entanto, o grande veículo de comunicação é a palavra. Isso pressupõe que a palavra seja bem conservada. (LE GOFF, 1989, p.27)

As pessoas compreendiam melhor a mensagem dos poetas e trovadores graças ao uso de recursos como música, rimas e repetições, instalando em suas memórias vidas de reis, heróis e donzelas, que serviriam de exemplo em sua vida cotidiana:

Nos remetendo às feiras onde os cordelistas faziam sua arte, e que transmitiam suas obras inspiradas nessa literatura medieval, traduzidas de versões castelhanas e lusas, e que adentravam no imaginário de seus consumidores, que se sentiam identificados com essas personagens com características universalmente modelares de perfeição.

Onde apesar do tempo afastado, o homem ainda deve ser corajoso, leal e temente a Deus. Deve defender seu lar e aos seus, e tais valores viajam através do tempo, inicialmente, pela oralidade, depois pela escrita, que alcança o público através de versos simples repetidos nas feiras e vendidos em folhetos, chegando aos corações nos lugares mais distantes do novo mundo, pregando uma mensagem sobre religião, fé, crença e coragem, que é difundida e reverenciada em várias épocas, contextos e circunstâncias: que alcança do rei francês do século XII ao sertanejo brasileiro do século XX.

Mostrando que mesmo de lugares distantes, a religiosidade, cultura e imaginário se entrelaçam e se fundem mantendo assim a memória e os valores do medievo que ainda permeiam a sociedade atual.

Demonstrando que as gestas que em sua essência tinham um caráter memorialista tem seu propósito alcançado, além de pregar a perspectiva de que quem suportasse as provações da vida receberia a recompensa no céu, tal espera une tanto os medievais como os sertanejos.

Ou se vivia para herdar o céu ou se vivia para perde-lo, no trajeto várias alternativas eram dadas ao cristão que vivia em pecado para reconciliar-se com Deus, como vemos em diversas obras do período, sendo uma das mais contundentes, como o *exemplum A visão de Túndalo*, dando a sua audiência uma lição moral ( ZIERER, 2010, p.7), que em sua narrativa transmite um “aviso” celeste das consequências sofridas por aqueles que não vivem na retidão do caminho cristão.

As gestas à sua maneira fazem isso também e estas são repassadas pelos cordéis, que através de seu caráter dinâmico, e atraente. Essas obras funcionarão como um local de projeção de atitudes coletivas e padrões de sensibilidade, a partir de um microcosmo que expressa a percepção de um elemento da mentalidade coletiva do homem medieval, que em suas devidas proporções também atingem o brasileiro das áreas mais afastadas dos grandes centros urbanos.

## Referencias

- A. Kroeber et G. Servois. **Fierabras. Chanson de geste**. Publiée pour la première fois d'après les manuscrits de Paris, de Rome et de Londres. Paris, 1860. Les anciens poètes de la France 4.
- ARIAS , Ademir Aparecido. A presença dos traidores na história de Carlos Magno e dos Doze Pares de França **In:: E fizeram taes maravilhas...**, Lênia Marcia Mongelli (org.), São Paulo: Atelier, 2012, pp. 39-54.
- BÉDIER, Joseph. **La Chanson de Roland** (Manuscrit d'Oxford). Paris: L'edicion D'arts, 1923.
- BASCHET, Jérôme. **A Civilização Feudal: do ano 1000 à colonização da América**. São Paulo:Globo,2006.
- BAYARD, Jean Pierre. **História das Lendas**. Trad. Jeanne Marillier. São Paulo: Difusão Europeia do Livro,1957.
- BLOCH, Marc. **Os Reis Taumaturgos**. São Paulo: Companhia das Letras,1999.
- CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia?** 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- DUBY. Georges. **História da vida privada 2: da Europa feudal à Renascença**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990
- \_\_\_\_\_. **As três ordens ou o Imaginário do Feudalismo**. Lisboa: Ed. Estampa,1994.

- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador vol. 1.** Rio de Janeiro ed. Jorge Zahar Editor,1993.
- FLORI, Jean. **A Cavalaria: A origem dos nobres guerreiros da Idade Média.** São Paulo: Madras 2005.
- FRANCO JR, Hilário. **Idade Média Nascimento do Ocidente,** Brasília: Ed. Brasiliense, 2001.
- HUZINGA, Johan. **O Declínio da Idade Média.** São Paulo: Editora Verbo EDUSP.1978.
- LE GOFF, Jacques. **O Homem Medieval.** Lisboa: Ed. Presença, 1989.
- \_\_\_\_\_. Os Limbos. In: **Revista Signum.** São Paulo, v.5 :Associação Brasileira de Estudos Medievais,2003.
- \_\_\_\_\_; TRUONG, Nicolas. **Uma História do Corpo na Idade Média.** Rio de Janeiro :Civilização Brasileira,2006.
- MACEDO, José Rivair. **A Idade Média Portuguesa e o Brasil.** Reminiscências, Transformações, Ressignificações. Porto Alegre: Vidráguas, 2011.
- MEGIANI, Ana Paula. **O jovem Rei Encantado. Expectativas do Messianismo régio em Portugal, séculos XIII a XVI.** São Paulo: Hucitec, 2003.
- RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros. **Os símbolos do poder.** Brasília: UnB Editora, 1995.
- VASSALO, Lígia. (trad). **A Canção de Rolando.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- ZIERER, Adriana. **Oralidade, Ensino e Imagens na Visão de Túndalo,** Domínios da Imagem (UEL). Londrina, ano III, v. 6, 2010, p.7-22
- \_\_\_\_\_. O Rei no Imaginário Medieval. In: ID: **Da Ilha dos Bem-aventurados à Busca do Santo Graal.** Uma Viagem pela Idade Média. São Luís: Ed. UEMA/Apoio FAPEMA, 2013.

*Recebido em: 10 de outubro de 2020.*

*Aprovado em: 02 de fevereiro de 2021.*